



A TEÓLOGA E A RAINHA: ESCRITAS DE AUTORIA FEMININA, O HUMANISMO E A REFORMA PROTESTANTE NA FRANÇA – MARIE DENTIÈRE E MARGUERITE DE NAVARRA

THE THEOLOGIAN AND THE QUEEN:
FEMALE WRITINGS, HUMANISM AND THE PROTESTANT REFORMATION IN FRANCE –
MARIE DENTIÈRE AND MARGUERITE DE NAVARRE

Gislaine Machado*

Resumo: O presente artigo tem o intuito de analisar o protagonismo cultural e religioso de duas mulheres na Reforma Protestante do século XVI: a teóloga protestante Marie Dentièrre (1495-1561) e Marguerite de Valois (1492-1549), irmã do rei Francisco I, humanista, escritora e rainha de Navarra. A análise será elaborada a partir de duas fontes: uma carta escrita por Marie para a rainha de Navarra, na qual pede para que Marguerite interceda junto às autoridades em defesa da religião reformada, como também reivindica mais respeito e maior participação feminina dentro da igreja reformada, além de uma fonte bibliográfica sobre o *Heptaméron*, escrito por Marguerite e que trata de assuntos como religião e gênero. Este trabalho também pretende explorar o lugar das mulheres como participantes ativas no contexto da Reforma, não apenas como espectadoras passivas, mas também como propagadoras do ideal reformador cristão e humanista. O artigo é resultado do trabalho de conclusão de curso de graduação em História, orientado pela Professora Dra. Ana Paula Vosne Martins (UFPR).

Palavras-chave: Reforma Protestante. Gênero. Mulheres na Reforma Protestante.

Abstract: This article aims to analyze the cultural and religious role of two women in the Protestant Reformation of the 16th century: the Protestant theologian Marie Dentièrre (1495-1561), and Marguerite de Valois (1492-1549), sister of King Francis I, humanist, writer and queen of Navarre. The analysis will be drawn up from two sources: a letter written by Marie to the queen of Navarre, in which she asks Marguerite to intercede with the authorities in defense of the Reformed religion, but also demands more respect and greater female participation

* Possui graduação em História pela Universidade Federal do Paraná (2021). Atualmente é discente de mestrado em História na mesma instituição, e é integrante da linha de pesquisa Intersubjetividade e Pluralidade: reflexão e sentimento na História. E-mail: gislainemachado@ufpr.br

within the Reformed Church, in addition to a bibliographic source on the *Heptameron*, written by Marguerite and dealing with subjects such as religion and gender. This work also intends to explore the place of women as active participants in the context of the Reformation, not only as passive spectators, but also as propagators of the Christian and humanist reform ideal. The article is the result of the undergraduate thesis work in History, supervised by Professor Ana Paula Vosne Martins, Ph.D. (UFPR).

Keywords: Protestant Reformation. Gender. Women in the Reformation.

INTRODUÇÃO

Pela primeira vez em muito tempo, depois de guerras, períodos de fome, pestes e crises, a Europa passava por um período de relativa paz, e isto significava que os ares estavam propícios para transformações significativas. É neste florescimento de outras formas de se pensar que se desenvolveu o humanismo renascentista francês, um movimento cultural e intelectual que se iniciou no final do século XV e atingiu seu auge durante o reino do rei francês Francisco I (1494-1547).

O reavivamento da Antiguidade Clássica junto à invenção da imprensa contribuiu para que houvesse uma maior difusão de obras impressas¹. A educação passa a ser mais valorizada, seja pelos intelectuais que a colocavam como uma ação direta para combater a ignorância e mazelas sociais da época, ou pelos movimentos religiosos tardo-medievais, que almejavam que as pessoas pudessem ter condições de fazer uma interpretação pessoal da Bíblia².

Assim, o neoplatonismo adquire sua importância, sendo que este movimento enfatizava o amor e a beleza, e contribuiu para a valorização das mulheres. Também o destaque de mulheres letradas, bem como o aumento de colégios femininos, contribuiu para a reflexão crítica a respeito do lugar das mulheres na sociedade. Um debate importante que ganhou notoriedade na época foi a *Querelle des femmes*, reivindicando, seus participantes, a valorização social e intelectual das mulheres³. Assim, muitas delas escreveram para defender outras mulheres de acusações hostis.

A Reforma Protestante começou na França a partir de 1519, quando as obras de Lutero chegaram a Paris. Um ano mais tarde, quando Lutero publicou três obras consideradas radicais, iniciou-se a repressão ao luteranismo⁴. Com a difusão da imprensa, as obras

¹ DELUMEAU, Jean. **Nascimento e Afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989. p. 76-77.

² DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. 2 v. p. 83.

³ BROCHADO, Cláudia Costa. A querelle des femmes. **T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.O.R.I.A.**, Brasília, v. 9, n. 1-2, p. 31-51, 2012. p. 31.

⁴ KNECHT, Robert J., **Renaissance Warrior and Patron: The Reign of Francis I**. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 1994. p. 156.

consideradas heréticas começaram a se propagar cada vez mais, e muitos autores passaram a ser perseguidos, assim como os civis.

Segundo Natalie Zemon Davis, todavia, a religião protestante encontrava cada vez mais adeptos na França, principalmente as mulheres. A adesão delas ao protestantismo, inclusive, foi interpretada por serem consideradas de uma natureza fraca e débil⁵. No entanto, as mulheres pareciam ter encontrado novos lugares na religião reformada que não encontraram na religião católica, dado que a Reforma Protestante tinha a proposta de sacerdócio universal, em que homens e mulheres poderiam pregar a Palavra igualmente. E é neste contexto que vamos analisar a vida e escrita de duas mulheres que entendiam a necessidade da participação feminina dentro das igrejas, uma teóloga, Marie Dentièrre (1495-1561)⁶ e uma rainha, Marguerite de Navarra (1492-1549).

ESPOSAS, MÃES E LÍDERES. O PROTAGONISMO RELIGIOSO DAS MULHERES NA REFORMA PROTESTANTE

Uma das mudanças mais notáveis para as mulheres da época moderna diz respeito à espiritualidade. Ainda na Idade Média, as mulheres eram reconhecidas popularmente por receberem mensagens divinas por meio de visões e sonhos, sendo às vezes respeitadas e reconhecidas em suas comunidades e até mesmo por autoridades em razão destas experiências⁷. Assim, elas começaram a exercer certa liderança espiritual em alguns lugares da Europa, especialmente em regiões mais pobres e desassistidas pelo clero.

De acordo com Elsjé Schulte van Kessel⁸, pessoas recorriam às mulheres religiosas para pedir conselhos sobre os mais diferentes problemas, não apenas no âmbito religioso e espiritual. Com a Reforma no início no século XVI, mudanças se fazem notar no que diz respeito à expressão espiritual, sendo que uma das mais significativas se configura no fechamento de conventos e mosteiros. O convento, além de ser um meio de levar uma vida voltada à religião, também representava uma alternativa ao casamento, à maternidade, como também eram lugares seguros para mulheres viúvas de casas nobres e mulheres solteiras. O

⁵ DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990. p. 63.

⁶ No século XVI, Marie Dentièrre ainda não era reconhecida como teóloga. A sua nomeação como tal só veio acontecer nas últimas décadas do século XX, quando um grupo de estudiosos de vários países começou a pesquisar em documentos vozes teológicas em lugares ditos incomuns. Após muita procura, foi possível descobrir mais sobre a contribuição e participação das mulheres protestantes para a teologia.

⁷ STJERNA, Kirsi. **Women and the Reformation**. Malden: Blackwell Publishing, 2009.

⁸ KESSEL, Elsjé Schulte van. Virgens e mães entre o céu e a terra. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991. 3 v. p. 181-227.

convento e as freiras, no entanto, não eram bem-vistos, uma vez que este papel religioso feminino não existia nas Escrituras.

Enquanto algumas mulheres lutaram pela permanência dos conventos e da vida monástica, outras rapidamente aderiram à religião reformada, saíram dos conventos, abandonaram os votos e se casaram⁹. Com o fechamento dos mosteiros e conventos e a possibilidade de pastores protestantes formarem uma família, o casamento passou a ser valorizado. Nos séculos anteriores o matrimônio era visto com desconfiança, mesmo sendo um dos sacramentos instituídos pela Igreja medieval. De acordo com Delumeau, a partir dos escritos protestantes e católicos que buscavam associar o amor conjugal com o amor a Deus, o casamento passou por uma resignificação¹⁰. Não apenas o casamento passou a ser estimulado, mas também a maternidade. Ambos passam a ser vistos como vocação sagrada para as mulheres e passam a ser difundidos através de sermões e panfletos em assembleias protestantes, estimulados em detrimento de uma vida monástica feminina.

A teologia protestante, segundo Stjerna, reforçou a domesticação das mulheres pelo chamado do casamento e da maternidade, enaltecendo a família como uma das bases desta “nova sociedade” cristã¹¹. A pregação da Palavra divina era indispensável para a Reforma Protestante e, apesar de o sacerdócio universal garantir que todos pudessem pregar a Palavra, apenas aos homens era permitido, empurrando as mulheres ainda mais ao ambiente doméstico, à maternidade e à educação de crianças.

No âmbito da escrita, os ventos também não sopravam a favor das mulheres; isto se agravava mais ainda quando se tratava de mulheres escrevendo sobre um domínio masculino, a teologia. Para uma mulher ter sua escrita preservada e publicada, ela precisava ser bem relacionada com a nobreza, os conventos ou ter dons espirituais, algo que a maioria delas não tinha. Quando escreviam, o estilo de sua escrita raramente era reconhecido, uma vez que os gêneros literários escolhidos por elas não eram os tradicionalmente aceitos pela erudição laica e clerical¹².

Segundo Stjerna, o estímulo para mulheres serem donas de casa e mães era tão grande que não é surpreendente que tão poucas tenham tentado participar da escrita teológica¹³. No entanto, muitas delas não se contentaram em serem apenas mães e donas de casa. Algumas, consideradas rebeldes, escreveram para garantir que as mulheres tivessem

⁹ STJERNA, 2009, p. 27.

¹⁰ DELUMEAU, 1984, p. 95.

¹¹ STJERNA, 2009, p. 33.

¹² STJERNA, 2009, p. 35.

¹³ STJERNA, Kirsi. Women and Theological Writing During the Reformation. **Journal of Lutheran Ethics**, Chicago, v. 12, n. 2, 2012. Disponível em: <https://elca.org/JLE/Articles/160>. Acesso em: 27 out. 2022.

direito de falar e escrever sobre a religião. As opiniões das mulheres podiam ser ignoradas quando ouvidas oralmente, mas assumiam outro significado quando impressas¹⁴.

MARIE DENTIÈRE

Nascida em Tournai, na Bélgica, em 1495¹⁵, Marie Dentièrre foi uma teóloga protestante e membro ativo pela causa da Reforma Protestante. Oriunda de uma família da pequena nobreza, são poucos os registros sobre os primeiros anos de sua vida. O sobrenome, em documentos da família, tem variações, podendo aparecer como d'Ennetières ou Dentièrre. Sabe-se que em 1521 Marie entra para um convento agostiniano em sua cidade natal, e algumas fontes sugerem que ela assumiu posição superior dentro da instituição religiosa.

Dado que Lutero foi um frei agostiniano, seus ensinamentos eram discutidos em mosteiros e conventos desta mesma Ordem, e presume-se que foi assim que Marie teve contato com seus pensamentos. Sentindo-se atraída por esta nova doutrina, em 1524 ela abandonou o convento e aderiu à fé protestante. Em 1526 Marie foi expulsa de sua casa e da Igreja, mudando-se para Estrasburgo. Em 1528, casou-se com Simon Robert, um ex-pároco e então reformado, que tinha contato com reformadores franceses desde 1525.

Segundo uma carta escrita a Guilherme Farel, Marie Dentièrre e Simon Robert eram o primeiro casal a aceitar uma missão dada pela Igreja Reformada, o que mostra que ela sempre foi engajada na causa protestante. Em 1533, com a morte de Simon Robert, ela mudou-se para Genebra com seus filhos. Alguns anos após a morte de Simon, ela se casou novamente com Antoine Froment, amigo de Farel, que estava começando a se envolver com o movimento protestante. Sendo mulher, a Dentièrre não foi permitida evangelizar publicamente, mas ela o fazia seja através da escrita, ou através da pregação em lugares públicos, como ruas e tavernas. Além disto, Marie teve grande participação nos eventos relacionados à Reforma em Genebra, pregando contra o celibato e advogando em defesa do papel pastoral feminino na nova religião.

Segundo Mary B. McKinley, uma das grandes pesquisadoras de Dentièrre, Marie foi

¹⁴ DAVIS, Natalie Zemon. A mulher na "política". In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991. 3 v. p. 229-249.

¹⁵ Não existem documentos precisos sobre a vida de Marie Dentièrre, portanto, a maioria das datas utilizadas nesta seção sobre ela são aproximadas e as que são mais precisas são retiradas de seus escritos. Também não existem representações imagéticas que retratem Marie Dentièrre. A maior parte das informações sobre Marie Dentièrre estão presentes na obra de Mary B. McKinley. Para mais informações, BACKUS, Irena. Marie Dentièrre: Un cas de Féminisme théologique à l'époque de la Réforme?. **Bulletin de la Société de l'Histoire du Protestantisme Français**, Paris, v. 137, p. 177-195, 1991; e MCKINLEY, Mary B. **Epistle to Marguerite de Navarre and Preface to a Sermon by John Calvin**. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

uma das poucas mulheres desta primeira geração de reformadas que publicou sobre teologia. Ela é considerada uma das primeiras a escrever sobre os acontecimentos em Genebra como espectadora, além de ser uma das pioneiras a argumentar a favor da teologia reformada na França. Assim como outros reformadores e reformados contrários ao celibato e a favor do casamento, Marie estava inserida no conflito criado por pessoas a favor e contra os conventos. Em 1535, ela invadiu um convento em Genebra, levando consigo uma delegação para converter as freiras da Ordem de Santa Clara à força. Entretanto, encontrou uma forte resistência das freiras, as Pobres Claras.

Sua mais importante obra, que mostra todo o conhecimento teológico de Marie, foi a carta que ela escreveu à rainha Marguerite em 1539. Nesta carta, intitulada *Epistre tres utile, faicte ey composee par une femme chrestienne de Tornay, envoyee a la Royne de Navarre, seur de Roy de France, contre les Turcz, Juifz, Faux crestiens, Anabaptists et Lutheriens*¹⁶, publicada por Jean Girard. Ela pede à rainha de Navarra que interceda junto ao seu irmão, o rei francês Francisco I, pela religião protestante, critica os líderes que fizeram os reformados se exilarem em outras cidades e explica o porquê defendia que as mulheres deveriam pregar e falar em público teologicamente. A carta ofendeu muitas pessoas e foi censurada.

Em 1546, Marie encontrou Calvino pessoalmente, encontro que ele menciona em uma carta enviada a Farel¹⁷. As impressões de Calvino sobre ela não foram as melhores. Calvino não tinha simpatia por Marie, e os motivos podem ser vistos em cartas enviadas por ele, nas quais ele comenta sobre ela ser desobediente ao marido, ambiciosa teologicamente e criticar a liderança masculina em sua cidade¹⁸. Marie Dentièrre e Calvino preocupavam-se com o futuro da Reforma Protestante na França, o que fez com que deixassem as mágoas e ressentimentos de lado e trabalhassem juntos, afinal, lutavam pelo mesmo objetivo, a religião reformada. Por isto, ele a convidou para escrever o prefácio de um livro seu, no qual critica as roupas extravagantes e a maquiagem feminina. Ela assina este prefácio com suas iniciais, “M.D”, também utilizadas na carta enviada à rainha Marguerite de Navarra. A obra foi lançada em 1561, ano da morte da teóloga.

Como boa reformada, ela via na pregação da Palavra uma maneira de se governar o mundo de forma correta, além de levar esperança para os desesperados e necessitados. No sentido teológico, segundo Stjerna, Marie foi uma seguidora da Reforma Suíça, da qual Calvino fez parte, mas não foi necessariamente uma calvinista. Para Marie, a Palavra era o

¹⁶ Em tradução livre: “Uma carta muito útil, feita e composta por uma mulher cristã de Tournai, enviada à Rainha de Navarra, irmã do rei de França, contra os Turcos, Judeus, Infiéis, Falsos Cristãos, Anabatistas e Luteranos.”

¹⁷ MCKINLEY, 2004, p. 19.

¹⁸ MCKINLEY, 2004, p. 19.

mais importante na teologia, e apenas a Bíblia era sua fonte de autoridade, inspiração e guia, e não as ordens masculinas.

MARGUERITE DE NAVARRA

Conhecida por ser a “pérola dos Valois”, Marguerite nasceu em 11 de abril de 1492, em Angoulême, na França. Foi a filha primogênita de Luísa de Saboia (1476-1531) e Carlos de Orleans-Angoulême (1459-1496), e irmã do rei de França, Francisco I, o primeiro de sua dinastia. De acordo com Cholakian, com a morte de seu pai quando tinha apenas 4 anos de idade, Marguerite e seu irmão ficaram sob os cuidados da mãe, que repassou aos filhos os ensinamentos aprendidos durante sua vida. Desde a infância deles, Luísa dedicou muito do seu tempo ao irmão Francisco, uma vez que ele seria o provável herdeiro do trono francês. Marguerite também criou uma forte ligação com o irmão, e posteriormente, os três ficariam conhecidos como a “trindade”. Luísa ficou responsável pela educação dos filhos, e deu uma educação mais ampla e livre do que era comum para mulheres e homens nobres em sua época.

Assim, Marguerite e Francisco tiveram uma educação igualitária, com os mesmos tutores e compartilhavam o mesmo programa de estudos¹⁹. Enquanto Luísa era responsável por ensiná-los o espanhol e o italiano, educadores humanistas os ensinaram o latim e a história bíblica. Marguerite também teve algumas aulas de filosofia quando criança. Os tratados morais e guias de confissão e penitência foram estudados pelos dois irmãos e, segundo Cholakian, talvez isto tenha estimulado a espiritualidade cristã de Marguerite anos mais tarde. Apesar de serem educados da mesma maneira em relação às letras, ainda assim havia diferenças específicas para cada um por questões de gênero. Sendo assim, Marguerite ficava ocupada com algumas atividades ditas femininas. Por isto, era comum que Marguerite fosse obrigada a bordar e também a escrever, durante muito tempo, longas passagens bíblicas em pergaminhos.

Em 1515, seu irmão, Francisco I, é coroado o rei da França, tendo em vista que seu tio, o antigo rei, faleceu sem herdeiro legítimo. Muito afeiçoada ao irmão, Marguerite fazia de tudo para ajudá-lo em suas funções reais. Ela e a mãe sempre estiveram informadas de decisões importantes tomadas pelo rei, o que chamou a atenção de todos à sua volta, principalmente por causa da influência e acesso irrestrito que ela tinha ao rei. Sua reputação cresceu aos olhos de autoridades dos países vizinhos, sendo estimada por sua ação diplomática em diversos momentos de crise no contexto político francês. Muitas vezes ela

¹⁹ CHOLAKIAN, Patricia Francis; CHOLAKIAN, Rouben Charles. **Marguerite de Navarre: Mother of the Renaissance**. New York: Columbia University Press, 2006. p. 17.

desfrutou de sua influência junto ao rei para ajudar amigos próximos envolvidos em causas que ela considerava justas, mas que os colocavam em perigo.

De acordo com Cholakian, Marguerite era uma das mulheres humanistas que estava convicta da necessidade de uma reforma na Igreja, o que a fez simpatizar com a causa da Reforma Protestante. A Igreja Católica, que deveria ser um refúgio para todos aqueles que a buscavam, estava manchada aos seus olhos pela corrupção do clero e a exploração desenfreada dos mais pobres. Ainda jovem, aproximou-se do Círculo de Meaux, que contava com membros que não queriam romper com a Igreja Católica, mas que esta corrigisse seus erros.

Assim, Marguerite deu abrigo e hospitalidade a intelectuais considerados hereges em sua corte, apoiando e protegendo suas publicações. Apesar de em boa parte de sua vida ela apoiar os reformadores e os reformados, ela não se converteu ao protestantismo, sendo considerada como filoprotestante²⁰, conforme Kessel. Tornou-se, desta maneira, alvo de teólogos católicos da Universidade de Paris, fazendo com que seu irmão fosse obrigado a intervir para que a irmã não fosse perseguida²¹.

Ela, no entanto, manteve suas convicções e continuou a publicar textos teológicos que difundiam a Palavra. É interessante perceber que mesmo apoiando a Reforma, Marguerite seguiu sendo estimada por muitos católicos, inclusive o Papa Paulo III, que regularmente escrevia agradecimentos e pedia favores a ela, de acordo com Thysell. Muitos viam nela a esperança de uma vitória da Reforma Protestante francesa, mas desapontou aqueles que esperavam que ela se tornasse uma líder ativista da causa. Após o falecimento de seu primeiro marido, casou-se novamente em 1526, com Henrique II de Navarra, tornando-se, a partir de então, rainha de Navarra. Dentre tantas obras publicadas, uma das mais importantes de sua autoria é o *Heptaméron*, conjunto de 72 novelas inspiradas pelo Decamerão, de Giovanni. Em dezembro de 1549, ela deu seu último suspiro, em sua casa em Odos, aos 57 anos.

A DEFESA DAS MULHERES PELA PARTICIPAÇÃO NA VIDA RELIGIOSA

Para fazer a análise da carta enviada por Marie para Marguerite, é importante destacar os fatos que impulsionaram a teóloga a escrever à rainha, assim como a reflexão

²⁰ O termo filoprotestante pode ser entendido como um apreço pela religião reformada, e é utilizado por Elsje van Kessel no livro **História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna**. 3 v. KESSEL, 1991.

²¹ FARGE, James K. Marguerite de Navarre, Her Circle, and the Censors of Paris. In: REYNOLDS-CORNELL, Régine (ed.). **International Colloquium Celebrating the 500th Anniversary of the Birth of Marguerite de Navarre**. Birmingham: Summa Publications, 1995. p. 15-28.

que ela faz sobre o lugar em que está inserida e sua posição no mundo, baseada na metodologia de Teresa Malatian²². A carta é dividida em três partes: uma introdução, uma parte intitulada “Defesa das Mulheres”, e a última parte chamada “Epístola”. Ela escreve à rainha não apenas em deferência ao seu título, mas também por sua proximidade e influência exercida junto ao irmão, rei de França, para que ela intercedesse pela religião reformada. Também se percebe os artifícios que Dentièrre utilizou para escrever a carta, advindos de uma educação conventual: uma escrita baseada nas Escrituras, pois ela sabia que as autoridades, católicas ou protestantes, não poderiam acusá-la de heresia se estivesse fundamentada na Palavra divina.

Percebe-se que Marie utilizou a carta como se fosse uma pregação ao grande público, e isto se dá pelo fato de não ter apenas enviado a carta em sigilo para a rainha de Navarra, mas por tê-la publicado a fim de alcançar uma audiência mais ampla, principalmente àqueles que se identificavam com a causa da religião reformada. Essa é a razão de Marie pedir em favor da defesa das mulheres na religião, uma mensagem destinada também aos reformadores protestantes que mantinham as mulheres longe das Escrituras. Segundo Marie,

Ninguém se atreveu a dizer uma palavra sobre isso, e parecia que as mulheres não deveriam ler ou ouvir nada das Escrituras Sagradas. Esta é a razão principal, minha Senhora, que me motivou a escrever-lhe, desejando em Deus que daqui em diante as mulheres não sejam tão desprezadas como no passado. Pois, dia a dia, Deus muda o coração de seu povo para o bem.²³
(Tradução própria)

É importante ressaltar que foi Lutero, segundo Manacorda²⁴, quem deu origem a um novo currículo escolar, direcionado à educação de pessoas comuns, não para que se tornassem doutores em assuntos específicos, mas que tivessem acesso aos estudos práticos para os aplicarem ao trabalho. Além disso, Lutero defendia que houvesse instituições de qualidade para ensinar meninos e meninas juntos desde a infância, para que saíssem das escolas com sabedoria para algumas tarefas, como dirigir e manter a casa, crianças e servos.

A inclusão das mulheres na educação por parte de Lutero, no entanto, era mais limitada. Segundo Stjerna²⁵, Lutero reconhecia que a educação das mulheres havia sido prejudicada com a dissolução dos conventos no começo da Reforma Protestante. Calvino,

²² MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. In: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-249.

²³ MCKINLEY, 2004, p. 53-54. “No one dared to say a word about it, and it seemed that women should not read or hear anything in the holy scriptures. That is the main reason, my Lady, that has moved me to write to you, hoping in God that henceforth women will not be so scorned as in the past. For, from day to day, God changes the hearts of his people for the good.”

²⁴ MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da Antiguidade aos nossos dias. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

²⁵ STJERNA, 2009, p. 45.

por sua vez, acreditava que meninos e meninas deveriam ir para escolas separadas e só os meninos poderiam ter o privilégio de fazer uma escola secundária.

Além disto, a interpretação religiosa das mulheres não era respeitada por pesar sobre elas a culpa de Eva e do Pecado Original. Porém, para Marie, muito foi revelado para as mulheres – tanto quanto para os homens – e ela sabia que mesmo que mulheres fossem impedidas de pregar publicamente, o controle da escrita era regulado em menor escala. Marie comenta sobre o desejo de escrever a carta não apenas a Marguerite, mas a todas as mulheres mantidas em cativeiro, sem poder divulgar a Palavra, para que não tivessem medo de escrever em nome de Deus.

Pelo que Deus lhe deu e revelou a nós, mulheres, não devemos esconder e precisar ter vergonha mais do que os homens. E embora não possamos pregar publicamente em congregações e igrejas, não somos proibidas de escrever e advertir uns aos outros em toda caridade.²⁶ (Tradução própria)

Ela usa a carta não apenas para tratar dos acontecimentos históricos, mas para divulgar a fé protestante, fazendo uma propaganda da religião reformada. O problema para Marie era que as mulheres faziam parte da parcela mais vergonhosa da população – sem ter culpa alguma nisso – explicando esta situação devido ao fato de que elas foram mantidas longe das Escrituras durante muito tempo. Como o processo de alfabetização feminino ainda estava dando seus primeiros passos e poucas mulheres haviam, de fato, tido contato com a Bíblia, é compreensível que Marie tenha feito esta associação. Para ela, parecia que os homens não queriam que as mulheres tivessem contato com a Bíblia – não deveriam ler ou sequer ouvir sobre seus conteúdos. Para Marie, as mulheres não poderiam se converter ou mesmo “purificar a alma” das heresias sendo que o objeto mais importante da religião – a Palavra revelada – se mantinha velada para elas.

A preocupação de Marie com esta causa a levou a escrever para Marguerite. Em sua escrita, Dentièrre escreveu em defesa das mulheres, recorrendo às mulheres exemplares da Bíblia, dissertando sobre os motivos das mulheres serem incompreendidas quando excluídas da religião pelos homens. A Bíblia, para Marie, era a origem de todo o conhecimento teológico necessário, principalmente depois da Reforma, quando passou a ser a única fonte a guiar os fiéis. Assim, defende-se que Dentièrre também fez parte da *Querelle des femmes*: ela utilizou a carta para criticar a posição social das mulheres, por serem mantidas em papéis muito limitados, de esposas e mães, sem poderem se expressar.

²⁶ MCKINLEY, 2004, p. 53. “For what God has given you and revealed to us women, no more than men should we hide it and bury it in the earth. And even though we are not permitted to preach in public in congregations and churches, we are not forbidden to write and admonish one another in all Charity.”

Apesar de existir um grande número de exemplos de mulheres pregadoras na Bíblia, ainda assim, na sociedade europeia moderna, elas foram excluídas desta atividade, mostrando que os reformadores tinham uma barreira em relação ao gênero, embora as quisessem como membros de suas igrejas. Por isto, Marie comenta que se as mulheres tinham imperfeições, os homens também não eram perfeitos e cometiam erros mais graves. Para exemplificar, ela recorre a mais um exemplo da Bíblia: “Por que é preciso criticar tanto as mulheres, visto que nenhuma mulher jamais vendeu ou traiu Jesus, mas sim um homem chamado Judas? Quem são eles, eu lhe peço, que inventaram e planejaram tantas cerimônias, heresias e falsas doutrinas na terra, senão os homens?”²⁷ (Tradução própria)

Marie critica também a posição que as mulheres se encontravam, por serem mantidas em papéis muito limitados, de esposas e mães, sem poderem se expressar. “Eles querem apenas que nós demos prazer, como é nosso costume, fazer nosso trabalho, trabalhar na roca de fiar, viver como mulheres antes de nós viveram, como nossas vizinhas.”²⁸ (Tradução própria) Assim, ela questiona qual seria o lugar apropriado para as mulheres. Ao citar mulheres que vieram antes dela, ela pode abrir uma margem para contestar porque não houve evolução entre as mulheres de épocas anteriores e entre as mulheres de seu tempo. Apesar de haver algumas mulheres desvirtuadas, não se devia tomá-las como regra e sim como exceção.

Ainda criticando o “lugar de mulher”, Marie diz: “Alguns podem ficar chateados porque isso é dito por uma mulher, acreditando que isto não é apropriado para ela, já que a mulher é feita para o prazer. Mas eu oro a você para não se ofender; você não deve pensar que eu faço isso por ódio ou rancor.”²⁹ (Tradução própria) Ela faz esta crítica porque entendia que as mulheres poderiam ir além do lugar que era estipulado por outras pessoas.

A crítica de Marie se estende também para a distinção entre os homens e mulheres da época, chegando a questionar se havia um único Evangelho. Para ela, não havia distinção entre gênero perante Deus. Ela coloca que há atribuições destinadas a cada pessoa, mas o ponto principal do ser humano era amar a Deus.

Eu pergunto, Jesus não morreu tanto pelos pobres ignorantes e idiotas quanto pelos meus queridos senhores, os barbeados, tonsurados e mitrados? Ele pregou e espalhou meu Evangelho tanto apenas para meus queridos

²⁷ MCKINLEY, 2004, p. 56. “*Why is it necessary to criticize women so much, seeing that no woman ever sold or betrayed Jesus, but a man named Judas? Who are they, I pray you, who have invented and contrived so many ceremonies, heresies, and false doctrines on earth if not men?*”

²⁸ MCKINLEY, 2004, p. 79. “*They just want us to give pleasure, as is our custom, to do our work, spin on the distaff, live as women before us did, like our neighbors.*”

²⁹ MCKINLEY, 2004, p. 78. “*Some might be upset because this is said by a woman, believing that this is not appropriate for her, since woman is made for pleasure. But I pray you to be not offended; you must not think that I do this from hatred or from rancor.*”

senhores, os sábios e importantes médicos? Não é para todos nós? Temos dois Evangelhos, um para homens e outro para mulheres? Um para os sábios e outro para os tolos? Não somos um em nosso Senhor? [...] dividido. Não há distinção entre o judeu e o grego; diante de Deus, nenhuma pessoa é uma exceção. Somos todos um em Jesus Cristo. Não há homem e mulher, nem servo, nem homem livre.³⁰ (Tradução própria)

Ainda discutindo sobre a igualdade perante Deus, ela comenta que Deus seria injusto caso tivesse escondido a Verdade das mulheres. Para ela, esta ideia era inconcebível, uma vez que acreditava ser Deus a verdade e justiça. As mulheres eram desconsideradas apenas por seu gênero, sem atentar-se às outras qualidades que elas possuíam. Em nenhum momento Marie coloca que a solução para os problemas existentes era excluir os homens e deixar apenas as mulheres no poder e na Igreja, mas reivindica o direito mínimo de participarem da religião ativamente, direito este que parecia ter sido prometido assim que surgiu a religião – uma paridade entre homens e mulheres diante de Deus.

Ela contrapõe que nenhuma mulher, até então, foi uma falsa profeta, e quando foram desvirtuadas foi pela intervenção dos homens. Logo, mulheres não deveriam hesitar em praticar a religião e pregá-la, escrevendo, falando ou declarando, principalmente para se contrapor aos falsos profetas e difamadores da verdade. Se Deus propiciou às mulheres o dom de expressar sua fé, elas deveriam pregar a Palavra, sem ter medo de represálias ou escondendo suas qualidades comunicativas. Marie coloca o ato de escrever e pregar em nome de Deus como um dom recebido, talvez até mesmo para justificar seus atos como uma graça divina, escusando-a de cometer ilegalidades por suas ações, uma vez que era mulher e não poderia fazê-lo publicamente.

A JORNADA DA SABEDORIA E A DEFESA DAS MULHERES

Por meio de uma fonte bibliográfica, *The Pleasure of Discernment: Marguerite de Navarre as Theologian*, de Carol Thysell, foi analisado o *Heptaméron*, livro da rainha de Navarra. Inspirada pelo Decamerão de Boccaccio, o livro conta com 72 histórias, das quais se originou o nome do livro. Os contos do *Heptaméron* tratam do exílio de dez pessoas, cinco homens e cinco mulheres que se encontram ao fugir das tempestades e inundações em França, e decidem compartilhar histórias para passar o tempo. O *Heptaméron* foi publicado

³⁰ MCKINLEY, 2004, p. 79. “I ask, did not Jesus die as much for the poor ignorant people and the idiots as for my dear sirs the shaved, tonsured, and mitred? Did he preach and spread my Gospel so much only for my dear sirs the wise and important doctors? Isn't it for all of us? Do we have two Gospels, one for men and another for women? One for the wise and another for the fools? Are we not one in our Lord? [...] divided. There is no distinction between the Jew and the Greek; before God, no person is an exception. We are all one in Jesus Christ. There is no male and female, nor servant nor free man.”

postumamente, em 1558.

Carol Thysell define o *Heptaméron* como um estudo antropológico de uma humanidade que há muito tempo se encontrava perdida e, através da Graça divina, procura a Salvação. Além disto, as histórias demonstram a influência neoplatônica do humanismo renascentista e seu conhecimento teológico e cultural. Logo no prólogo do *Heptaméron* ela afirma se tratar de uma obra de teologia, ou pelo que a rainha entendia por teologia: um vínculo amoroso entre os seres humanos e Deus.

A rainha cria um cenário apocalíptico e chuvoso parecido às passagens da narrativa de Noé na Bíblia Sagrada, na qual o mal assolava o mundo e se fazia necessário recomeçar com apenas os escolhidos para a nova missão. Quando os integrantes do *Heptaméron* se encontram, após os infortúnios gerados pela chuva, ficam extremamente felizes por serem reunidos pela Graça divina, um Deus cuidadoso que forma um grupo para juntos enfrentarem as ameaças externas. Neste sentido, segundo Thysell, Marguerite não questionou os desastres naturais que aconteceram, mas vê o sinal da Providência, um motivo que leva os integrantes do grupo a rezarem e se unirem em Deus. Assim,

[...] a formação gradual da comunidade entre os *devisants* sugere que uma força maior do que a natureza humana, a orientação do Espírito Santo na vida dos crentes, faz parte da compreensão da providência de Marguerite de Navarra. Não é por acaso que as cartas de João são o foco das meditações de Oisille durante os últimos dias do grupo junto; o poder do amor nas vidas individuais, guiado pela Providência Singular, efetua uma transformação muito real nas almas individuais, bem como nas comunidades.³¹ (Tradução própria)

Os participantes do grupo eram bem versados na Escritura e, além disto, todos eram membros da igreja. Apesar de abordar a teologia, os membros do grupo o fazem com cautela, principalmente porque consideravam ser um assunto perigoso – até tentavam evitá-lo quando aparecia nas conversas. Marguerite também expressa sua desilusão com alguns membros da Igreja Católica. A crítica não pode ser considerada como um ataque direto à Igreja Católica, mas sim àqueles clérigos que se utilizavam de suas posições religiosas como autoridade para enganar os fiéis, ou se mostravam desvirtuados do caminho divino.

Marguerite critica tanto o clero corrupto, como expressa suas ideias sobre o amor, inspirada na filosofia neoplatônica, e também faz uma defesa do lugar das mulheres na

³¹ THYSELL, Carol Lynne. **The Pleasure of Discernment:** Marguerite de Navarre as Theologian. New York: Oxford University Press, 2000. p. 77. “[...] *the gradual formation of community among the devisants suggests that a force stronger than human nature, the guidance of the Holy Spirit in the lives of believers, is part of Marguerite de Navarre’s understanding of providence. It is no coincidence that the letters of John are the focus of Oisille’s meditations during the group’s last days together; the power of love in individual lives, guided by Singular Providence, effects a very real transformation in individual souls, as well as in communities.*”

sociedade francesa. Além disto, muitos entendem a obra da rainha como uma resposta tanto à carta de Dentière, quanto às críticas de Calvino por ela ter supostamente abrigado “hereges” em sua corte. A crítica de Calvino se deu através de um tratado intitulado “Contra os Libertinos Espirituais”, publicado em 1545, em que criticava a presença de Quintin de Hainaut, Anthon Pocquet e Claude Perceval na corte francesa.

Marguerite não poderia assumir a postura de responder publicamente aos dois reformados, mas poderia lhes dar uma resposta velada através da escrita. Então, ela utiliza o método da escrita alegórica na ficção para respondê-los sobre seus questionamentos, sem se envolver abertamente com as polêmicas e ser acusada de heresia por parte das autoridades francesas.

No livro de Marguerite percebe-se muitas semelhanças entre o pensamento da rainha e de Dentière. Assim como a teóloga, Marguerite também escreve afirmando que a Bíblia era um ponto de apoio e de verdade para as decisões de seus personagens, o que pode ser entendido como uma maneira de validar sua escrita e se preservar de ataques. Apoiando a teóloga e contrariando Calvino, Marguerite se mostra a favor de uma maior participação das mulheres na religião, e faz isto em sua obra através de uma personagem feminina, responsável por guiar os membros do grupo na sua jornada espiritual, Oisille. Marguerite, assim como Marie, se opõe à superioridade de um gênero sobre o outro, em defesa da proximidade e colaboração entre homens e mulheres.

Ainda em relação à teologia, a leitura das Escrituras por Oisille é importante em dois pontos, segundo Thysell. O primeiro é a regeneração da comunidade, em que:

O movimento de suas leituras das Escrituras de Romanos a João através de Atos e as epístolas de João sugere também um movimento da concentração paulina no pecado individual e seu papel na salvação para a formação de uma comunidade regenerada pelo Espírito para as cartas daquele cujo as palavras são ‘cheias apenas de amor’.³² (Tradução própria)

O segundo é que a leitura das Escrituras leva à discussão sobre a crença na palavra dos pregadores. Assim, “Ennasuite pergunta retoricamente se não é um pecado mortal não acreditar no que é pregado do púlpito. Oisille responde que se deve acreditar nos pregadores apenas ‘quando eles falam do que está na Sagrada Escritura’.”³³ (Tradução própria) Este trecho mostra como Marguerite estava bem-informada a respeito das polêmicas relativas às

³² THYSELL, 2000, p. 54. “*The movement of their Scripture readings from Romans to John through Acts and the epistles of John suggest as well a movement from the Pauline concentration on individual sin and its role in salvation to the formation of a community regenerated by the Spirit to the letters of one whose words are ‘full only of love’.*”

³³ THYSELL, 2000, p. 115. “*Ennasuite asks rhetorically whether it isn't a mortal sin not to believe what is preached from the pulpit. Oisille replies that one must believe preachers only ‘when they speak of what is in Holy Scripture’.*”

pregações que induziam os fiéis ao erro e ao pecado.

Marguerite também trata da necessidade de as mulheres serem respeitadas dentro da sociedade e que não deveria haver generalizações, pois o fato de uma mulher ter ações vis não significava que todas agiriam da mesma maneira. A rainha de Navarra, assim como Marie, entra no debate *Querelle des femmes*, defendendo que as mulheres deveriam ser respeitadas tanto quanto os homens e que as ações de homens e mulheres poderiam ser iguais, mas o peso do julgamento para as mulheres era maior do que era para os homens. Da mesma forma que Dentièrre, ela afirma que, para Deus, não havia distinção entre os gêneros.

A figura de Oisille e seu chamado para rezar todas as manhãs era orientada por Deus com autoridade para desempenhar o papel de pregadora, o que mostra que Marguerite também acreditava que as mulheres poderiam ministrar a Palavra.

Defesas e qualificações tinham que ser feitas para que a teologia de uma mulher fosse ouvida. Mas, [...] a antropologia teológica de Marguerite de Navarra levou a outras críticas das instituições sociais e suposições sobre os papéis de gênero. Não há razão para que uma mulher da estatura de Marguerite de Navarra não pudesse romper tais convenções sociais, como de fato fazia frequentemente.³⁴ (Tradução própria)

Neste sentido, podemos entender a defesa que a rainha fazia das mulheres e da participação na vida religiosa não apenas como maneira de transmitir seu conhecimento através da escrita, mas também como uma resposta ao pedido de Marie Dentièrre. A rainha de Navarra concordava não apenas com as indagações feitas por Dentièrre em relação ao gênero no cotidiano, mas também com a participação mais ampla das mulheres na religião, como é o caso de Oisille.

No *Heptaméron*, no entanto, Marguerite deixa claro que a ordem natural/hierarquia proposta por Calvino não era mais do que uma construção humana, e que as experiências das boas mulheres eram suficientes para negar a lei natural que Calvino tanto defendia. Em diversos de seus contos, segundo Thysell, Marguerite afirma que homens e mulheres deveriam viver igualmente, e os critérios para julgar homens e mulheres não eram os mesmos. Não existia, na sociedade, uma regra universal aplicada igualmente a homens e mulheres.

Tal discussão se torna mais evidente por meio de Oisille no papel de pregadora. É interessante perceber como Marguerite estabeleceu uma mulher como a líder espiritual do grupo, principalmente porque as mulheres eram proibidas de ministrar a Bíblia ou ensinar

³⁴ THYSELL, 2000, p. 125. “Defenses and qualifications had to be made if a woman's theology was to be heard. But, [...] the theological anthropology of Marguerite de Navarre led to other critiques of social institutions and assumptions about gendered roles. There is no reason that a woman of Marguerite de Navarre's stature could not break through such social conventions, as indeed she often did.”

teologia na religião reformada, mesmo que fossem capacitadas a fazer isto; enquanto na religião católica as mulheres poderiam exercer certa liderança espiritual nos papéis de freiras, conforme Elsje Schulte van Kessel. Esta escolha é reveladora de como as mulheres tinham conhecimento da Bíblia e poderiam executar bem a pregação e, no entanto, eram impedidas por alguns reformadores da época, entre eles Calvino.

As personagens femininas do *Heptaméron* argumentam que não seria correto generalizar as ações de outras mulheres, rejeitando argumentos sobre a “natureza da mulher” para o modo como elas agiam. Os vícios de uma única mulher, por exemplo, não desonravam todas as outras. Este ponto é interessante, pois é um tópico que Marie Dentièrre já havia tratado na carta que enviou a Marguerite alguns anos antes.

Ao longo da troca de experiências e histórias narradas, as mulheres do *Heptaméron* tentam mostrar como havia mulheres honradas e como a generalização negativa a seu respeito apagava os feitos daquelas que fizeram boas e generosas ações. O plano de Marguerite é mostrar como estas questões relacionadas ao gênero são construções sociais e não naturais, como pensava Calvino. Nos contos em que se faz a discussão sobre atitudes de homens e mulheres, as personagens afirmam que homens e mulheres não carregam a mesma culpa e vergonha, mesmo que tenham atitudes parecidas.

Suponha que o que cada um de nós fez seja pesado na balança. Aí está você, um homem maduro com experiência nos caminhos do mundo, que deveria saber distinguir o certo do errado. Lá estou eu, jovem e sem nenhuma experiência da violência e da força do amor. Você tem uma esposa que deseja estar com você, que o admira e ama mais do que a própria vida. E o que eu tenho? Um marido que se mantém o mais longe possível do meu caminho, que me odeia e me despreza mais do que se eu fosse uma humilde camareira.³⁵ (Tradução própria)

Neste sentido, a personagem compara homens experientes de um lado e as mulheres inocentes de outro para provar que, mesmo as mulheres sendo inexperientes, o julgamento da sociedade seria mais pesado em relação a elas. Embora estes julgamentos acontecessem na sociedade civil, perante Deus o julgamento era o mesmo, não havendo esta distinção. Na comunidade experimental do *Heptaméron*, distinções como gênero, idade e posição social são deixadas de lado, levando em consideração apenas o prazer de estar juntos e de compartilhar uma experiência espiritual. Assim, ela afirmava que deveria haver uma igualdade de gêneros na sociedade e diante de Deus.

³⁵ CODRINGTON, 1984 *apud* THYSELL, 2000, p. 89. “Suppose that what each of us has done is weighed in the balance. There are you, a mature man with experience of the ways of the world, who ought to be able to tell right from wrong. There am I, young and with no experience of the violence and the power of love. You have a wife who wants to be with you, who admires you and loves you more than life itself. And what have I got? A husband who keeps out of my way as much as possible, who hates me and despises me more than if I were a humble chambermaid.”

Para Marguerite de Navarra, no entanto, é a compreensão única, embora pessimista, da natureza humana, tanto diante de Deus quanto das pessoas humanas, que marca a crítica do *Heptaméron* a Calvino e forma a base para uma reforma mais completa para as mulheres que afetaria as esferas espirituais e sociais.³⁶ (Tradução própria)

Neste sentido, podemos entender a defesa que a rainha fazia das mulheres e da participação na vida religiosa não apenas como maneira de transmitir seu conhecimento através da escrita, mas também como uma resposta ao pedido de Marie Dentièrre. A rainha de Navarra concordava não apenas com as indagações feitas por Dentièrre em relação ao gênero no cotidiano, mas também com a participação mais ampla das mulheres na religião. Assim como Marie Dentièrre, Marguerite de Navarra também escrevia apoiada nas Escrituras, principalmente porque também sabia que traria maior legitimidade para sua obra. E também, desta forma, seria difícil alguém se posicionar contra ela, pois estaria indo contra a verdade.

CONCLUSÃO

Levando em consideração o recorte temporal deste trabalho e as duas autoras, defende-se que elas pretendiam induzir uma emancipação feminina pela escrita, buscando convocar as mulheres a lutarem por suas ideias e por sua fé – mesmo que fosse apenas dentro da religião. De maneira geral, as coisas não mudaram significativamente na época, principalmente porque as mulheres ainda eram vistas como criaturas inferiores, e juntá-las por um ideal maior era difícil, dado que a subjugação feminina era muito presente na sociedade da época. Assim, a escrita de algumas mulheres, como é o caso de Marie e Marguerite, buscou encontrar e defender novos papéis para as mulheres na sociedade francesa, seja no âmbito social, religioso ou político.

Além disto, vemos na escrita de Marie e Marguerite o uso de técnicas que aprenderam devido à educação que tiveram. Marguerite, como humanista, faz referências aos autores clássicos e técnicas de retórica aprendida com grandes mestres com quem conviveu na corte francesa. Marie usa de sua experiência como freira, com uma educação mais elevada do que outras mulheres na época, para escrever uma carta que parecia uma pregação ao público. Ambas as autoras ainda utilizam o recurso de inserir trechos da Bíblia e de escritos teológicos para atribuir autoridade ao que escreveram.

Assim, elas usam da agência no campo da escrita para a conscientização de outras pessoas e, no caso de Marie, para fazer propaganda e defesa da religião reformada. O ponto

³⁶ THYSELL, 2000, p. 85. *“For Marguerite de Navarre, however, it is the single, albeit pessimistic, understanding of human nature, both before God and before human persons, that marks the Heptameron’s critique of Calvin and forms the basis for a fuller reformation for women that would affect both spiritual and social spheres.”*

de vista das duas se aproximam, principalmente em relação às questões de gênero. As duas autoras reivindicavam, de certa forma, por um melhor lugar para as mulheres. Marie sabia que a doutrina protestante não representaria uma modificação na condição das mulheres, por isto reivindicava pela causa.

Desta forma, entende-se a escrita de algumas mulheres, como é o caso de Marie e Marguerite, como uma busca e defesa de novos papéis para as mulheres na sociedade francesa, seja no âmbito social, religioso ou político. Elas tentaram agir de alguma maneira por novos lugares e pela emancipação feminina, mas, impedidas pelo gênero e de se expressarem de outras maneiras públicas, encontram através da escrita uma arma para lutarem por seus objetivos, exercendo assim o seu protagonismo cultural e religioso.

REFERÊNCIAS

BACKUS, Irena. Marie Dentière: Un cas de Féminisme théologique à l'époque de la Réforme?. **Bulletin de la Société de l'Histoire du Protestantisme Français**, Paris, v. 137, p. 177-195, 1991.

BROCHADO, Cláudia Costa. A querelle des femmes. **T.E.X.T.O.S DE H.I.S.T.Ó.R.I.A.**, Brasília, v. 9, n. 1-2, p. 31-51, 2012.

CHOLAKIAN, Patricia Francis; CHOLAKIAN, Rouben Charles. **Marguerite de Navarre: Mother of the Renaissance**. New York: Columbia University Press, 2006.

DAVIS, Natalie Zemon. A mulher na "política". In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991. 3 v. p. 229-249.

DAVIS, Natalie Zemon. **Culturas do povo: sociedade e cultura no início da França moderna: oito ensaios**. Rio de Janeiro: Paz & Terra, 1990.

DELUMEAU, Jean. **A civilização do Renascimento**. Lisboa: Editorial Estampa, 1984. 2 v.

DELUMEAU, Jean. **Nascimento e Afirmação da Reforma**. São Paulo: Pioneira, 1989.

FARGE, James K. Marguerite de Navarre, Her Circle, and the Censors of Paris. In: REYNOLDS-CORNELL, Régine (ed.). **International Colloquium Celebrating the 500th Anniversary of the Birth of Marguerite de Navarre**. Birmingham: Summa Publications, 1995. p. 15-28.

KESSEL, Elisje Schulte van. Virgens e mães entre o céu e a terra. In: DUBY, Georges; PERROT, Michelle (org.). **História das Mulheres no Ocidente: Do Renascimento à Idade Moderna**. Porto: Afrontamento, 1991. 3 v. p. 181-227.

KNECHT, Robert J., **Renaissance Warrior and Patron: The Reign of Francis I**. Cambridge: New York: Cambridge University Press, 1994.

MALATIAN, Teresa. Cartas. Narrador, registro e arquivo. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tania Regina de (org.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2011. p. 195-249.

MANACORDA, Mario Alighiero. **História da Educação**: da Antiguidade aos nossos dias. 3. ed. São Paulo: Cortez, 1992.

MCKINLEY, Mary B. **Epistle to Marguerite de Navarre and Preface to a Sermon by John Calvin**. Chicago: University of Chicago Press, 2004.

STJERNA, Kirsi. Women and Theological Writing During the Reformation. **Journal of Lutheran Ethics**, Chicago, v. 12, n. 2, 2012. Disponível em: <https://elca.org/JLE/Articles/160>. Acesso em: 27 out. 2022.

STJERNA, Kirsi. **Women and the Reformation**. Malden: Blackwell Publishing, 2009.

THYSELL, Carol Lynne. **The Pleasure of Discernment**: Marguerite de Navarre as Theologian. New York: Oxford University Press, 2000.

Recebido em: 30 out. 2022.

Aceito em: 11 jan. 2023.